

MUDANÇAS SOCIAIS, DESPORTO E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Carlos Neto*

Faculdade de Motricidade Humana
Universidade Técnica de Lisboa

RESUMO: Nesta comunicação, pretende-se salientar a relação entre desporto e as mudanças sociais, implicando a reflexão sobre o aparecimento de novas formas de actividade (1); o significado de novos estilos de vida e o desenvolvimento humano, considerando de forma particular a crise evolutiva do jovem adolescente e as suas “culturas específicas” (2); a justificação do quadro de referências sobre as práticas físicas e desportivas contemporâneas e suas implicações na construção de uma nova ordem de valores sobre o desporto do futuro (3). Trata-se antes de tudo de questionar o sentido crescente de novas formas de acção e os critérios que as possam justificar, considerando a procura da aproximação a vivências dos limites do corpo (físico e simbólico) protagonizadas pelas novas gerações de praticantes.

1-INTRODUÇÃO

As ideias e pontos de vista desenvolvidos ao longo do texto são resultantes de pesquisas realizadas nos últimos anos, no Departamento de Ciências da Motricidade (Laboratório de Desenvolvimento e Adaptação Motora) da Universidade Técnica de Lisboa, baseadas num “banco de dados” sobre as rotinas de vida da criança e do adolescente em Portugal (Neto, 1992). Este estudo procura esclarecer a relação existente entre as condições e características de vida das famílias e a forma de gestão dos tempos livres dos filhos, considerando as grandes mudanças sociais que temos vindo a assistir nas últimas décadas (mobilidade social, diversidade cultural, hábitos e rotinas de vida, sedentarismo corporal, concentração urbana, etc), alterando os estilos de vida do homem e em particular das crianças e dos jovens. O objectivo centra-se na identificação dos obstáculos ao desenvolvimento da cultura lúdica de acordo com uma abordagem ecológica (Bronfenbrenner, 1979), considerando a relação entre o espaço/tempo disponível para o jogo em função das rotinas de vida das famílias. Foram questionados cerca de 2000 agregados familiares sobre a vida regular dos filhos, atendendo a gestão do tempo, espaços de acção, tipo de actividades e percursos mais comuns (escolar, familiar e outros contextos sociais) de acordo com a idade, sexo, classe social e estrutura parental. Os resultados têm vindo a demonstrar situações preocupantes e surpreendentes, quanto: 1) às relações entre jogo e qualidade de vida; 2) aos valores lúdicos e

* Professor Associado na Faculdade de Motricidade Humana (Universidade Técnica de Lisboa)

contextos ecológicos de acção; 3) às dinâmicas entre práticas lúdicas e desportivas realizadas e preferidas (Neto,1992a; Neto,1994; Serrano & Neto,1996). A transformação dos hábitos lúdicos e desportivos das populações mais jovens, tem vindo a ocorrer de forma diversificada e complexa, implicando com certa urgência uma análise precisa e rigorosa do fenómeno do ponto de vista sociológico, cultural e político.

O desporto assume-se nos dias de hoje como um dos fenómenos mais importantes da sociedade contemporânea. O impacto dos acontecimentos desportivos no cidadão comum é enorme quando consideramos: o tempo passado a absorver a informação veiculada pelos “media” (1); a forma e o tipo de participação em actividades voluntárias ou organizadas por instituições vocacionadas para o efeito (2); o consumo de publicidade ou formas associadas (3) e as dinâmicas colectivas e sociais implicadas (4).

Neste sentido, o desporto moderno enquadra-se numa grande mobilidade de interesses de âmbito político, económico e social quanto à sua divulgação, implementação e participação.

O desporto é constituído por uma diversidade de actividades que se sujeitam a regras rígidas, códigos precisos segundo estruturas e dinâmicas organizadas de forma universal, independentemente da situação ou do espaço geográfico em que se realizam (Parlebas,1981). A prática do desporto institucionalizado tem vindo a evoluir com assinalável relevo em todos os seus quadrantes: investigação científica, formação de técnicos especializados, instituições vocacionadas na sua implementação e organização, plano médico e jurídico e progressivo empenhamento dos responsáveis na sua valorização.

Este desenvolvimento do sistema desportivo não deixa, no entanto, de apresentar alguns parâmetros contraditórios e mesmo, em certos casos, verdadeiramente intrigantes. O aparecimento nas duas últimas décadas, de actividades desportivas novas (hoje apelidades de radicais) tem vindo a crescer a um ritmo assinalável e necessitam de uma explicação plausível, serena e sem ambiguidades. A atracção dos jovens por tais actividades é um facto evidente. A indústria desportiva está atenta. Os “media”, a publicidade e o “marketing” têm vindo a mudar as suas estratégias quanto às relações de força com as actividades desportivas mais tradicionais (desportos convencionais). A relação entre oferta e procura é cada vez mais problemática. Novos acontecimentos estão para se passar a curto e a médio prazo em todos os intervenientes no processo desportivo. Mais recentemente os próprios canais de televisão têm vindo a dar uma importância acrescida à divulgação destas práticas, assentes em padrões mentais e formas de comportamento «radicalmente diferentes».

Como refere Pociello (1987), é possível distinguir actualmente nas práticas desportivas individuais, uma renovação orientada em três direcções distintas:

1-a mais velha ou mais tradicional que se exerce numa estrita territorialização e num quadro de confrontação estandardizado, permitindo aos adversários um empenhamento simultâneo das suas forças e energias segundo gestos esteriótipados (modalité en ligne);

2-uma segunda que se distingue pela sua organização sobre percursos balizados e nos quais os praticantes aperfeiçoam sucessivamente as suas habilidades como é o exemplo do “slalom do ski alpino” (modalité balisée);

3-uma terceira que marca uma nova etapa no sentido da desterritorialização da prática em direcção do ar livre, oferecendo aos seus praticantes uma ocasião de confronto, incerteza e uma imprevisibilidade máxima, acompanhada de dinâmicas sensíveis de risco corporal ou de aventura (modalité libre ou californienne).

2-O CORPO ADOLESCENTE E O DESPORTO

A questão central está em compreender o uso do tempo quotidiano dos jovens quanto à emergência de relações de tensão e conflito, parâmetros éticos e estruturas tradicionalmente conservadoras e novas dinâmicas sociais conducentes à realização individual. Trata-se antes de tudo de perceber que a aderência a novas práticas físicas e desportivas, são um meio para que os jovens possam evidenciar as suas culturas específicas e formas de sociabilidade que lhes estão associadas. Se é certo que estes comportamentos e “culturas do jovem” devem ser entendidas de acordo com uma sociologia de vida quotidiana, em que se inclui o lazer, também é verdade que esta interpretação não pode estar dissociada da estrutura social envolvente, considerando as diversas políticas sócio-económicas, a mobilidade do tecido social (rural e urbano), a estabilidade familiar, as condições de segurança social e de emprego e as expectativas de enquadramento social. Os jovens têm assumido ao longo das últimas décadas, um papel importante quanto à mudança social, por se revelarem um elo importante na cadeia da reprodução cultural e social (Pais, 1993).

Os jovens pretendem afirmar um “estilo de vida” como um meio de afirmação e diferenciação de “status”. O problema do jovem reside no confronto entre uma realidade social existencialmente conformista e a necessidade de afirmação de um “projecto” de vida” potencialmente inconformista. A meu ver, o desporto chamado “radical” é um excelente instrumento em que o jovem se pode identificar e exercitar nas suas motivações.

Este facto novo no âmbito da sociologia do Desporto deve mobilizar uma atenção especial por parte dos especialistas das ciências de actividade física e desportiva. Exige-se, com alguma urgência, a capacidade e a coragem em abordar de forma crítica o passado, o presente e o futuro do desporto chamado “convencional”. Este deve ser analisado quanto à maneira como é praticado e desenvolvido do ponto de vista social. O universo desportivo exige uma compreensão sobre a relação entre pertinência *técnica* e pertinência *cultural*, evocando a existência de afinidades entre certos tipos de desporto (estruturas motoras, técnicas, e regulamentares) e certos grupos sociais, (explicação da sua distribuição particular entre os grupos) como da sua evolução (ao contrário de estabilidade) desta

distribuição (Pociello, 1987). Como refere Bourdieu (1979) a propósito da teoria do *habitus*, “as diferentes condições sociais de existência permitem construir disposições duráveis e transferíveis que funcionam como sistema gerador e classificador de práticas”.

É inevitável que a passagem de uma sociedade pós-industrial para uma sociedade de informação traga consigo alterações e mudanças evidentes no tecido social, na organização dos modos de vida, na valorização de novas concepções de actividade cultural e artística (em que se inclui o desporto), na inovação das relações estabelecidas entre os grupos e nos paradigmas centrados nas relações entre indivíduo e sociedade. O aspecto mais evidente é a renovação de princípios e valores quanto ao entendimento que os jovens têm vindo a dar ao significado da prática desportiva.

A padronização crescente dos estilos de vida (familiar, escolar e social), das atitudes e comportamentos, leva naturalmente os jovens a procurar sensações novas ou diferentes e mais centradas nos limites da exploração do seu próprio corpo em confronto com o espaço físico natural. É também um fenómeno próprio da idade, da sua fase de desenvolvimento físico, emocional e psicossocial, isto é, a procura de excitação, de prazer e aventura corporal.

Interessaria compreender melhor no âmbito das Ciências do Desenvolvimento Humano as críticas às abordagens lineares e pré-deterministas. De facto este período de transição entre a infância e a idade adulta, caracteriza-se por uma grande influência de variáveis biológicas, psicológicas e sócio-culturais, exigindo a recorrência ao conceito de complexidade de desenvolvimento (1); pela existência de uma grande diversidade de atitudes e comportamentos, considerando os contextos físicos, sociais e culturais em que o jovem se enquadra (2); por mudanças assinaláveis ao nível das estruturas morfológicas, cognitivas e representativas como no âmbito das relações sociais. O estudo do desenvolvimento exige que a unidade de análise seja de índole interactiva ou ecológica (3); e por dinâmicas adaptativas apropriadas a acontecimentos do mundo real (4).

As grandes questões com que o adolescente se confronta na sociedade moderna, situam-se principalmente na forma como é possível a abertura aos outros e à compreensão do mundo que o envolve. Algumas indicações podem merecer uma atenção especial:

- Modificação das proporções corporais;
- Momento de efervescência interior;
- Procura íntima e intensa dos valores;
- Exploração do meio envolvente;
- Período indeciso, flutuante e ansiogénico;
- Crise normativa (Erikson);
- Sentimento de identidade durável;

A entrada na vida não se processa de forma fácil e simplista. Os jovens recorrem a formas extremas de simbolização e a maioria deles utilizam certas condutas de risco durante essa passagem de estatuto. Trata-se de procurar uma vivência na incerteza ou o avanço

incerto para uma existência nova. As sociedades modernas geram crises de valores, principalmente nas sociedades ocidentais caracterizadas por estruturas individualizantes, em que o jovem simboliza ele mesmo de maneira solitária esta passagem, como se trata-se de inventar a sua adolescência, tendo como consequência o adiamento da sua autonomia. A juventude instaura ritos próprios segmentados de uma idade a outra variando segundo as origens sociais e culturais dos actores. A cultura adolescente na sua extrema diversidade é raramente suficiente nela mesma quando o jovem procura a entrada na vida para lhe assegurar o sentimento que a sua existência tem um preço e um valor. É a ocasião para o jovem mostrar a sua determinação, a sua coragem, última justificação da sua pretensão legítima de abandono do estatuto de criança. Trata-se portanto de um período difícil em que a integração das diferentes possibilidades pessoais num sentimento de confiança dá lugar á confusão, á indeterminação, á possibilidade interior de se orientar para escolhas precisas, susceptíveis de cristalizar um sentimento de identidade sem equívocos. A zona de turbulência que atravessa é largamente influenciada pela dinâmica parental e do lugar que ocupa no campo relacional e imaginário assim construído.

A vida do corpo adolescente, coloca-se neste ponto de vista, como um confronto com o desconhecido e o conforto e a procura de segurança, na descoberta dos seus limites de desafio, superação, resistência e imprevisto. A delimitação de espaços de descoberta de si próprio está directamente relacionada com a procura de identidade. Por uma questão óbvia de equilíbrio do sistema, o objectivo passa a ser a capacidade de vaivém entre o abandono do corpo (tendência para a desordem) e o limite de controlo do corpo (procura de ordem), isto é, “ultrapassar o risco de forma controlada”.

3-AS NOVAS PRÁTICAS DESPORTIVAS - DEFINIÇÃO DE CRITÉRIOS

As práticas físicas e desportivas contemporâneas (novos aventureiros) enquadram um novo “paradigma de acção” ao explorar o sentido do limite físico e simbólico do corpo. Estes desportos naturais estão hoje difundidos por todo o mundo, constituindo-se como um novo mercado e uma nova forma de consumo. A exploração dos desertos (Paris-Dakar), aos desportos de aventura na natureza (challengers), passando pelas actividades aquáticas e sub-aquáticas (windsurf, etc.) até ao domínio do espaço aéreo (parapente, etc.), definem-se como formas de manifestação ordálicas (abandono de si ao julgamento dos Deuses). Segundo Le Breton (1990), estas paixões do risco são uma forma de afrontar a morte segundo um modo metafórico, garantir a existência, abandonar provisoriamente o conforto e a segurança ou a necessidade antropológica de existência em situações activas no sentido de um sistema simbólico que estrutura as mudanças. O impacto e a motivação do jovem por este novo tipo de práticas desportivas é enorme, considerando a noção de “limites mais atractivos” de vertigem e de esforço físico.

As motivações (linguagens e discursos) para o desporto das novas gerações, orientam-se a nosso ver, em seis grandes indicadores ou quadro de referências:

1 - A opção por práticas desportivas que valorizam o confronto com o espaço natural. Trata-se, antes de tudo, de tornar coerente uma “nova cultura” com um novo “espaço de acção”. Um desporto mais centrado no contacto com a natureza (ecológico) permite novas dinâmicas individuais e colectivas, mais robustas quanto ao sentido de si próprios e dos outros.

2 - A atracção por actividades em que exista maior imprevisibilidade do meio. Trata-se antes de tudo em desenvolver capacidades motoras, físicas e psicológicas em função de condições de prática instáveis (meio aéreo, terrestre, aquático ou sub-aquático). A variação das condições climatéricas, das características do meio físico e das alternativas de superação de si próprio (de forma sistemática) configuram uma das grandes diferenças em relação aos desportos convencionais (espaços standardizados).

3 - A prática de actividades em que o risco e a aventura corporal estejam presentes. Trata-se de procurar formas de acção diferentes que permitam perceber a noção dos limites do corpo, em situação de transcendência (harmonia) e de superação do caos (conflito). A prática do surf do vôo-à-vela, do alpinismo, do parapente, etc., são actividades de elevado nível de risco (radicais) que implicam um aperfeiçoamento da capacidade de disciplina e organização individual. Um erro eventual pode ser fatal. O confronto é estabelecido com o meio físico (natureza) mas principalmente consigo próprio. As estratégias e tomadas de decisão têm obrigatoriamente de estar associadas a um nível de perícia corporal necessário para a resolução dos problemas que cada situação nova vai criando.

4 - A liberdade de escolha das práticas desportivas de acordo com o seu tempo individual e as suas próprias regras de acção. Trata-se, de facto, dos praticantes usufruírem de uma certa liberdade de escolha do momento de prática, da sua duração, do nível de intensidade e exigência de aperfeiçoamento. Por outro lado, e de acordo com as regras de segurança e referências de regulamento técnico, estas práticas oferecem uma margem elevada de regras de acção consoante a estabilidade ou instabilidade do contexto físico.

5 - O desenvolvimento de uma cultura específica de grupos de amigos, assente em relações de solidariedade e convivialidade. Trata-se de valorizar o encontro, o convívio e a manifestação de projectos colectivos. Cada uma destas actividades desportivas (ainda não falo em modalidade) implica necessariamente uma filosofia própria, uma dinâmica específica de prática, um entusiasmo característico e um desafio abrangente de grupo.

6 - A criação de modas e hábitos quotidianos que dão sentido a “culturas específicas” de práticas físicas e desportivas. Trata-se de analisar a importância dada ao vestuário apropriado, à linguagem utilizada (vocábulos, etc.), os tipos de equipamento usados e os meios de transporte mais característicos.

Estas tendências recentes quanto às motivações para a prática desportiva são legítimas e compreensivas. O futuro do desporto será necessariamente a exploração do meio

natural. O homem fará uma ruptura com o espaço uniformizado. Ao espaço estável com referências fixas seguir-se-ão práticas estruturadas em espaços instáveis e com referências de incerteza. As mudanças sociais originam inevitavelmente uma alteração nas representações, práticas e formas de consumo em desporto. Supõem-se que a relação entre tempo de trabalho e tempo livre se venha a alterar consideravelmente na sociedade do futuro, o que implicará obrigatoriamente um quadro de novas estratégias de desenvolvimento do desporto, seja ao nível conceptual, no seu ordenamento estrutural e na dinâmica de participação dos cidadãos. Uma nova ordem económica será criada ao redor do desporto espectáculo (alto nível de competição) do desporto de lazer (para todos) e desporto escolar (nível de formação). Os clubes desportivos, as autarquias e as escolas terão de repensar e reinventar uma ordem nova de valores quanto ao desporto, considerando essas alterações e mudanças que se estão a passar ao nível das estruturas sociais.

O progresso económico e social implica a tomada de decisões políticas consentâneas com uma concepção do desporto adaptada às necessidades do homem do futuro. O desporto no passar do século evoluirá para novos horizontes, de acordo com as características próprias dos “modos de vida” que os cidadãos aspiram em termos de “saúde física e mental”. O desporto do futuro terá essa vocação fantástica voltada para a ocupação dos tempos livres. Esta recente concepção do desporto (já visível nas opções dos jovens) retomará a visão voluntária, ecológica e centrada no prazer. O “marketing”, as novas tecnologias de informação e a indústria dos equipamentos desportivos, desenvolver-se-ão naturalmente ao mais alto nível. Segundo o que pensamos o que mudará certamente são os objectivos da prática desportiva, para quem vê (espectador), faz (executante), divulga (media) ou organiza e administra (entidades responsáveis).

Novos modelos de gestão e administração do desporto terão tendência a evoluir, considerando o nível de desenvolvimento económico, social e democrático de cada comunidade. Esta organização será regional, nacional e mundial. Não haverá um modelo, mas diversos modelos; não haverá apenas modalidades nobres, mas diversas modalidades; não haverá um objectivo mas diversos objectivos; caminhar-se-á para uma verdadeira pluralidade no modo de entender e praticar desporto. Será um tempo em que diversidade e as diferenças entre indivíduos se vão assumir como uma categoria essencial na sobrevivência dos sistemas e estruturas ligadas ao desporto. As sociedades são cada vez mais multiculturais. O contexto social e a história desportiva de cada País delimitará quais as estratégias mais adequadas a uma transformação que respeite a sua identidade cultural, as suas potencialidades geográficas e demográficas e infra-estruturas físicas e humanas. Naturalmente que uma nova estratégia de desenvolvimento desportivo nacional ou regional implica que a classe política, os técnicos e os dirigentes sejam suficientemente audazes e inteligentes em “enxergar” uma verdadeira democratização do fenómeno, criando a

emergência de novas facetas e valores nesta actividade, tal como os jovens o têm vindo a fazer de forma espontânea. Será necessário antes de tudo, ouvi-los.

4-CONCLUSÃO

É nossa convicção que o desporto actual, baseado apenas no rendimento a qualquer preço, numa busca de consumo sem sentido e estruturado numa perspectiva meramente economicista, subjugando os valores do homem a uma gestualidade e uma motricidade instituída, padronizada e sem significado, entrará rapidamente em crise de sobrevivência. O desporto deve antes de tudo reinventar e reinventar-se, a partir dos grandes princípios que lhe deram origem: a convivência e solidariedade entre os homens e os povos; a formação cívica ao longo da idade; o desenvolvimento das capacidades físicas e motoras de um corpo adaptável e crítico ao seu envolvimento social, e principalmente, a valorização da sua capacidade cultural em “confronto” civilizado. As novas práticas desportivas também chamadas de “radicais” poderão ser um sinal positivo de mudança e complementaridade ao desporto “convencional” dos nossos dias. O desporto de alto risco poderá ser equacionado como uma perspectiva alternativa de grande significado para a visão humanista da educação física, considerando o seu valor potencial de experiências que favoreçam o crescimento pessoal, interacção e mudança social (Robinson, 1992).

No entanto, e paradoxalmente, são já evidentes algumas descaracterizações destas actividades, quando sujeitas a sistemas de organização competitiva em moldes discutíveis quanto aos princípios que temos vindo a defender ao longo deste texto. Provavelmente são urgentes objectivos «radicais» não quanto ao tipo de novas práticas desportivas mas nas “atitudes mentais” como as utilizamos. Desportos “radicais”: uma nova forma de consumo?

5-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bonfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development; experiences by nature and design*. Cambridge: Harvard University Press.
- Bourdieu, P. (1979). *La distinction; critique social du jugement*. Paris: Ed. Minuit.
- Le Breton, A. (1980). *Passion du risque*. Paris: Éditions Métailié.
- Neto, C. (1992). Desenvolvimento e adaptação motora. Projecto e actividades de formação e investigação. *Ludens*, 12, 3/4, 5-16.
- Neto, C. (1992a). The present and future perspectives of the play and playgrounds in Portugal. *Ludens*, 12, 3/4, 83-84.
- Neto, C. (1994). A família e a institucionalização dos tempos livres. *Ludens*, 14, 1, 5-10.
- Pais, J.M. (1993). *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda.
- Parlebas, P. (1981). *Contribution a um lexique commenté en science de l'action motrice*. Paris: Publications I.N.S.E.P.

Pociello, C. (1987). La force, energie, la grâce et les réflexes. Le jeu complexe des dispositions et sportives. In C. Pociello (Ed.) *Sports et société. Approche socio-culturelle des pratiques*. Paris: Editions Vigot.

Robinson, D.W. (1992). The risk-sport process: an alternativ approach for humanistic Physical education. *Quest*, 44, 88-104.

Serrano, J., & Neto, C. (1996). Estudo das rotinas de vida diária das crianças entre os 7 e os 10 anos nos meios rural e urbano. *Ludens* (no prelo).